

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)**




**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Atena
Editora

Ano 2020

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)**



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS**

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-58-4

DOI 10.22533/at.ed.584201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
 3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” reuni pesquisas entorno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A ABORDAGEM DO CICLO DE POLÍTICAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES À ANÁLISE DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS	
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5842019031	
CAPÍTULO 2	8
A LEI 11.645/2008 E O ENSINO DE HISTÓRIAS E CULTURAS INDÍGENAS NO ENSINO FUNDAMENTAL I NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS, BRASIL	
Adriano Toledo Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.5842019032	
CAPÍTULO 3	21
AS PERSPECTIVAS SOBRE A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL: OS ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE O SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA (SISU) NA REDE UNIVERSITÁRIA/BR	
Júlia da Silva Rigo Maria Cristina da Silveira Galan Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.5842019033	
CAPÍTULO 4	34
AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA: PROVA BRASIL HISTÓRIA: CARACTERÍSTICAS E OBJETIVOS	
Arcielli Royer Nogueira Adrian Alvarez Estrada	
DOI 10.22533/at.ed.5842019034	
CAPÍTULO 5	46
IMPLANTAÇÃO DO PNAIC EM SÃO PAULO: UM ESTUDO DE CASO	
Josi Carolina da Silva Leme Maria Iolanda Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.5842019035	
CAPÍTULO 6	54
O “JEITINHO” PARA ACABAR COM A CORRUPÇÃO: #HONESTIDADE	
Expedita Estevão da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5842019036	
CAPÍTULO 7	67
TRABALHO E EDUCAÇÃO DE JOVENS DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE PALMEIRA/PR	
Liliane Pinheiro Patrícia Correia de Paula Marcoccia	
DOI 10.22533/at.ed.5842019037	

CAPÍTULO 8 75

VIOLÊNCIA POLICIAL NA PERIFERIA: QUE CONTRAPONTO? - UM ESTUDO DE CASO ENTRE LISBOA E O RIO DE JANEIRO

Elisabete Eugénia Pinto dos Santos Pessanha Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5842019038

GESTÃO INSTITUCIONAL

CAPÍTULO 9 88

AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO FERRAMENTA DE GESTÃO DOS PROCESSOS EDUCACIONAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Patrícia de Lemos Negreiros Tavares

Fernanda Nascimento Severo

Heraldo Simões Ferreira

Deborah Ximenes Torres Holanda

José de Siqueira Amorim Júnior

Maciel Nascimento de Araújo

Tobias Junior do Bomfim Ferreira

Raphaela Mota Feitosa Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.5842019039

CAPÍTULO 10 96

BULLYING E SEUS PRATICANTES: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Telma Antunes Dantas Ferreira

Katarina Pereira dos Reis

Matheus Ramos da Cruz

Ulhiana Maria Arruda Medeiros

Pâmella Cristina Dias Xavier

José Antonio Vianna

DOI 10.22533/at.ed.58420190310

CAPÍTULO 11 104

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS PROPOSIÇÕES FORMATIVAS: REFLEXOS NO TRABALHO DOCENTE

Victoria Mottim Gaio

Camila Macenhan

Jaqueline de Moraes Costa

Karine Ferreira Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.58420190311

CAPÍTULO 12 117

O ESPAÇO DO PROFESSOR REFLEXIVO E PESQUISADOR NA BNCC

Wiusilene Rufino de Souza

Rosangela Duarte

Lucas Portilho Nicolleti

Ênia Maria Ferst

DOI 10.22533/at.ed.58420190312

CAPÍTULO 13 128

PROJETOS DE EXTENSÃO: DA UNIVERSIDADE A COMUNIDADE

Aline Fernanda Ventura Sávio Leite
Joyce Mary Adam

DOI 10.22533/at.ed.58420190313

HISTÓRIA E DESAFIOS SOCIOEDUCACIONAIS

CAPÍTULO 14 139

A REFORMA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PROPOSTA POR SEUS PROFESSORES, ALUNOS E FUNCIONÁRIOS EM 1968

Macioniro Celeste Filho

DOI 10.22533/at.ed.58420190314

CAPÍTULO 15 152

A RELAÇÃO ENTRE, OS “NOVOS ENCLAVES FORTIFICADOS” NO SUBÚRBIO CARIOCA E O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE ESPETÁCULO

Claudio Jorge da Silva Soares

DOI 10.22533/at.ed.58420190315

CAPÍTULO 16 165

O TRATAMENTO HISTÓRICO CONCEITUAL DA COERÇÃO NA EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS DE FREUD, SKINNER E FOUCAULT

Géssica de Souza Zuliani
Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.58420190316

CAPÍTULO 17 180

INFÂNCIA E CONSUMO: UMA ANÁLISE DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO INFANTIS NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Alane Delmondes Nóbrega
Atiane Leles Magalhães
Fernanda Letícia Sousa Lima
Mariane Barbosa Matos
Paulo Henrique Albuquerque do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.58420190317

CAPÍTULO 18 187

O FESTEJO DAS SANTAS ALMAS BENDITAS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA MORRO SÃO JOÃO EM SANTA ROSA DO TOCANTINS, BRASIL

Valdir Aquino Zitzke

DOI 10.22533/at.ed.58420190318

CAPÍTULO 19 197

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E SOCIOBIODIVERSIDADE EM ORIXIMINÁ: QUANDO O ORDENAMENTO TERRITORIAL PRODUZ O CONFLITO

Wilson Madeira Filho
Wagner de Oliveira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.58420190319

CAPÍTULO 20	213
VISITA TÉCNICA COMO AÇÃO CONSTRUTIVA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM	
Valclides Kid Fernandes dos Santos	
Sandra Regina Gregório	
Nilton Paulo Ponciano	
DOI 10.22533/at.ed.58420190320	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

BULLYING E SEUS PRATICANTES: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Data de aceite: 11/03/2020

Data de submissão: 31/01/2020

Telma Antunes Dantas Ferreira

Secretaria Estadual de Educação

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/2818942749430784>

Katarina Pereira dos Reis

Secretaria Municipal de Educação

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/1109428107233508>

Matheus Ramos da Cruz

Programa de Pós-graduação em Ensino da
Educação Básica

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3496052230507549>

Ulhiana Maria Arruda Medeiros

Programa de Pós-graduação em Ensino da
Educação Básica

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3196582797347171>

Pâmella Cristina Dias Xavier

Programa de Pós-graduação em Ensino da
Educação Básica

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/8647828892554453>

José Antonio Vianna

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/8688907789895910>

RESUMO: O *bullying* escolar ocupa lugar de destaque na atualidade, tornando-se objeto de estudo em diferentes pesquisas que o abordam sob uma perspectiva que tipifica os comportamentos dos sujeitos, definindo os papéis de agressor e de vítima diante do fenômeno. Entendendo o *bullying* como um fenômeno social, buscamos analisá-lo a partir dos sujeitos nele envolvidos. Como um dos responsáveis no combate a este tipo de violência, verificar a percepção dos professores sobre o *bullying* e os seus praticantes pode ampliar a compreensão do fenômeno. Esta pesquisa se caracterizou por um estudo *ex post facto*, transversal, descritivo e exploratório. Foi utilizado um questionário semiestruturado e autoadministrável, com 18 questões abertas e fechadas, elaborado para esta pesquisa, com o qual, investigamos 69 docentes, de ambos os sexos, que atuam no ensino fundamental II e no ensino médio, em uma escola pública localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro. Os resultados sustentam parcialmente os dados encontrados em pesquisas anteriores e demonstram que o *bullying* não é um fenômeno recorrente como é divulgado (72,4% dos docentes percebem que o *bullying* ocorre nunca, quase nunca ou às vezes). Além de sugerir que o processo de socialização ao longo dos anos de escolaridade pode colaborar para a internalização de atitudes e comportamentos

que contribuirão para superar os episódios de violência, indisciplina e *bullying*. Desta forma, alertamos para o cuidado ao se rotular/estigmatizar o aluno praticante de *bullying*, considerando-o como um sujeito com características inatas e fadado à delinquência futura.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying* escolar; Indisciplina; Professores; Socialização; Nobert Elias.

BULLYING AND ITS PRACTITIONERS: THE PERCEPTION OF TEACHERS

ABSTRACT: School bullying occupies a prominent place nowadays, becoming an object of study in different researches that approach it from a perspective that typifies the behaviors of the subjects, defining the roles of aggressor and victim in the face of the phenomenon. By understanding bullying as a social phenomenon, we seek to analyze it from the perspectives of the subjects involved, particularly teachers. Verifying the teachers' perception of bullying and its practitioners may increase the understanding of the phenomenon. This research was characterized by an ex post facto, transversal, descriptive and exploratory study. A semi-structured and self-administered questionnaire was used, with 18 open and closed questions, designed for this research, with which 69 teachers of both sexes, who work in elementary school II and high school, at a public school located in the interior of the State of Rio de Janeiro were investigated. The results partially support the data found in previous researches that point to the presence of bullying at school. The data indicate that bullying is not a recurring phenomenon as it is reported (72.4% of the investigated teachers perceive that bullying occurs "never", "almost never" or "sometimes") and suggest that the socialization process along school years can contribute to the internalization of attitudes and behaviors that will contribute to overcome episodes of violence, indiscipline and bullying. In this way, we alert to the care when labeling / stigmatizing the student who practices bullying, considering him as a subject with innate characteristics and doomed to future delinquency.

KEYWORDS: School bullying; Indiscipline; Teachers; Socialization; Nobert Elias.

INTRODUÇÃO

Segundo Levisky (2010) a violência acompanha a sociedade desde a antiguidade, porém, sofre modificações ao longo dos tempos, seja em suas formas de manifestação ou nas condições sobre as quais ocorre.

Podemos observar em Elias (1990) como as mudanças nos hábitos e comportamentos contribuíram para que os atos de agressividade se modificassem no decorrer do tempo. Eventos ditos naturais em determinado período, podem se tornar alvo de repúdio social em outro. Para o autor, essas modificações foram decorrentes de um forte controle social que sensibilizou o comportamento do indivíduo, principalmente na relação com seus pares.

Essa sensibilização no agir dos sujeitos pode ser sentida na contemporaneidade,

através do enquadramento inoportunos e indesejáveis de uma série de atitudes e comportamentos considerados inapropriados para o convívio com o outro. Diversas leis e cartilhas ditam e classificam esses comportamentos e enquadram os sujeitos em determinados perfis e, em certos casos, como portadores de alguma patologia.

Denominado por Bandeira e Hutz (2012, p. 36), como “uma subcategoria do comportamento agressivo que ocorre entre os pares”, o *bullying*, pode ser um exemplo do enquadramento comportamental referido acima, no qual, são estabelecidos papéis (agressor, vítima e testemunha) para os envolvidos no fenômeno.

Marafon (2013) parece ter a mesma ideia de que o *bullying* é produto do somatório de práticas e discursos que classificam e enquadram os sujeitos em uma fôrma. A autora destaca o poder dos instrumentos de controle que acabam por moldar os indivíduos e controlar suas vidas. Este efeito também aparece nas investigações de Reis (2017) e Ferreira (2018), nas quais, estas autoras, buscaram dar voz aos envolvidos neste fenômeno. Acreditamos que para evitar este efeito inesperado são necessários investimentos em pesquisas nas quais os pesquisadores se debruçam sobre o tema a fim de ampliar e aprofundar a sua compreensão.

No entanto as pesquisas mais comuns sobre este fenômeno têm focalizado prioritariamente a percepção dos indivíduos que foram alvo de agressões e constrangimentos provocados pelo *bullying*, com pouca atenção aos demais atores na unidade escolar. Assim, este estudo se propõe verificar a percepção dos professores sobre o *bullying* na escola.

A INVESTIGAÇÃO

A teoria sobre *bullying* estabelece um padrão de análise e classificação no qual são submetidos sujeitos de gênero, classe, etnia e bagagem cultural diferentes. Por este motivo procuramos realizar este estudo *ex post facto*, transversal, descritivo e exploratório, em uma escola pública de um município do Estado do Rio de Janeiro, com a maior quantidade de alunos da rede. Localizada no centro da cidade, a unidade escolar garante maior facilidade de acesso a uma diversidade de alunos.

Foram investigados 69 docentes de ambos os sexos (F = 45; M = 24) - com média de idade de 47,8 anos -, com experiência em lecionar no ensino no fundamental II e no ensino médio (o tempo médio de exercício do magistério foi de 19,2 anos).

Os docentes responderam a um questionário semiestruturado e autoadministrável, com 18 questões abertas e fechadas, elaborado para esta pesquisa.

Na análise dos resultados foi utilizada a estatística descritiva para a identificação de regularidades e especificidades dos dados. Após o levantamento de categorias, foi realizada uma análise qualitativa por meio da triangulação de dados e interpretação

dos resultados, que possibilitou a exploração das opiniões e representações sociais sobre o tema investigado (MINAYO, 1993).

A pesquisa atendeu aos critérios éticos para realização de pesquisa com seres humanos, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sob o número CAAE 70594817.3.0000.5282.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A tipificação de comportamentos desviantes, como referenda a teoria do *bullying*, atribui características aos sujeitos praticantes de *bullying*. Esta tipificação nos instigou a verificar como os docentes percebiam este aluno, em sala de aula.

Segundo a fala dos professores, o perfil indisciplinado (24,1%), arrogante (20,3%) e violento (17,7%) aparecem como destaque, confirmando os achados de outras investigações (CAMPOS; JORGE, 2010; LOPES NETO, 2005; FANTE, 2011), nas quais, foram identificados como perfil do praticante de *bullying* - um indivíduo agressivo, impulsivo, arrogante, mau-caráter e de condutas antissociais.

Os dados refletem também os argumentos de Aquino (1994) que ressalta uma tendência psicológica de professores que atribuem ao aluno indisciplinado características de agressividade, rebeldia, apatia, falta de limites e desrespeito, sugerindo que este seja potencialmente um praticante de *bullying*.

Mas afinal, o que seria considerado indisciplina na percepção dos professores para que o aluno indisciplinado seja enquadrado como praticante de *bullying*?

Notamos que ao serem questionados sobre quais as indisciplinas mais comuns em sala de aula, a fala dos docentes destacou: a falta de respeito aos professores e aos colegas; o uso do celular; conversas paralelas durante as aulas; agressão verbal; uso de palavras de baixo calão; descumprimento das regras escolares; ausência de comprometimento escolar; brigas/agressões físicas.

A descrição dos sujeitos das atitudes e comportamentos que caracterizam a indisciplina, por vezes, demonstram a proximidade dos termos característicos da conceituação do *bullying* e por outras se distancia do constructo.

No que diz respeito ao descumprimento das regras escolares, em parte ou em sua totalidade, podemos observar que o significado de indisciplina está mais próximo do conceito, levantado por Amado e citado por Quaresma (2010), que caracteriza a indisciplina como o descumprimento das regras escolares, conflitos interpessoais e conflitos na relação professor-aluno.

Rego (1994) alerta que a conceituação de indisciplina pode variar segundo valores e expectativas que se modificam ao longo dos anos, dependendo da cultura, da instituição, da classe social e, até mesmo, pode variar dentro de uma mesma camada social (REGO, 1994). E essa interpretação do que é ou não indisciplina,

segundo esta autora, produz consequências na prática educativa, tanto no modo de avaliação desses alunos, como na delimitação dos objetivos a atingir.

Cabe assinalar que, assim como no *bullying*, existe uma tendência dos educadores de associar o comportamento indisciplinado a características próprias da infância e adolescência (REGO, 1994). Este inatismo, pressupõe, como diz a autora, “a existência de características universais que se manifestarão em estágios previstos, independentemente das vivências realizadas em determinada cultura” (REGO, 1994, p. 89).

Contrariamente, ao apelo e relevância, delegados a questão conceitual dos termos indisciplina e *bullying*, destacamos que, mais importante do que classificar o comportamento discente (em indisciplina ou *bullying*), parece ser considerar que esses traços – muitas vezes considerados inatos - não são imutáveis. Para Rego (1994) a criança e o adolescente, em seu processo de constituição, são influenciados por diferentes elementos: grupos de pessoas, instituições e instrumentos (livros, objetos) que fazem parte de seu contexto.

Assim, tanto a família (primeira instituição de socialização), quanto a escola, se destacam como importantes no processo de internalização de valores (REGO, 1994). Para a autora, a criança e o adolescentes vivenciam experiências ao longo da vida através de diferentes ambientes de socialização.

Elias (1994) reforça a percepção de que a constituição dos sujeitos é maleável. Portanto, a criança forma sua individualidade ao longo de sua constituição. Segundo o autor:

[...] a constituição característica de uma criança recém-nascida dá margem a uma grande profusão de individualidades possíveis. Ela exhibe não mais que os limites e a posição da curva de dispersão em que pode residir a forma individual do adulto. O modo como essa forma realmente se desenvolve, como as características maleáveis da criança recém-nascida se cristalizam, gradativamente, nos contornos mais nítidos do adulto, nunca depende exclusivamente de sua constituição, mas sempre da natureza das relações entre ela e as outras pessoas (ELIAS, 1994, p.24).

Se faz necessário, portanto, um olhar diferenciado sobre o aluno dito indisciplinado, e/ou praticante de *bullying*, pois considerar e aceitar o caráter inatista preconizado, em ambos os casos, implica em uma visão reducionista de ser e pode conduzir a rotulação e estigmatização dos mesmos (BECKER, 2008).

Em tempos em que o educar para a diversidade é preconizada, reduzir o sujeito a determinados perfis, caminha em direção oposta aos direitos defendidos na atualidade.

Além disso, não podemos desconsiderar que o próprio processo civilizatório, baliza comportamentos. Parece que estamos, cada vez mais, sensíveis e intolerantes com certos comportamentos. Elevou-se o nível de exigência das condutas “aceitáveis”

e com ele, os rótulos, as punições e a necessidade de autocontrole. Assim, quando não atinge um nível de controle emocional exigido socialmente, o sujeito passa a receber rótulos de doente, criminoso e é excluído do convívio social (ELIAS, 1990).

As políticas e legislação de controle do *bullying* devem tomar o cuidado de não errar na medida. Visto que ao elevar o patamar de condutas aceitáveis socialmente, se pode correr o risco de enquadrar os indivíduos praticantes de *bullying* na escola (que são serem em formação), em categorias patológicas que lhes confere características inatas que dificilmente seriam superadas após a sua rotulação e estigmatização (BECKER, 2008).

Urge entender que os se desvios de condutas podem ser interiorizadas pelo indivíduo. As condutas socialmente aceitáveis também podem ocorrer ao longo de sua vida, pelo processo de socialização. Enquadrar o aluno praticante de *bullying* como um ser doente e antissocial, com comportamentos imutáveis, não parece colaborar para sua superação.

A socialização é um processo e, como tal, é permanente e inconclusa, se mantendo em constante atualização (ABRANTES; 2011). Portanto, os valores destacados na fala dos docentes, são internalizados através da interação social entre os sujeitos. Ou seja, a socialização é fator primordial para a superação de determinados comportamentos desviantes, o que pode ser comprometido devido ao isolamento e exclusão próprios da rotulação.

Segundo Vigilante (2014) devemos substituir o processo de punição, que rotula o sujeito, por oportunidade de aprendizagem. Ou seja, o erro – ou especificamente, as atitudes agressivas do *bullying* ao qual tratamos – torna-se objeto de aprendizagem para o aluno e toda a comunidade escolar.

Reis (2017), identificou uma redução de envolvimento dos alunos em violência física e *bullying* com o decorrer da idade. Os sujeitos, com o avançar da idade, internalizam as regras, normas e valores necessários para diminuir ou superar os conflitos sem o uso de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa nos permitiu identificar a existência da proximidade dos termos *bullying* e indisciplina. A fala dos docentes, demonstrou que o significado de indisciplina está mais próximo do conceito, que envolve, juntamente, com o descumprimento das regras escolares, os conflitos interpessoais e os conflitos na relação professor-aluno. Porém, destacamos mais importante do que classificar o comportamento discente (em indisciplina ou *bullying*), é considerar que estes internalizam os valores, necessários para superar comportamentos, ditos desviantes, através do processo de socialização, no qual, a família e a escola são instituições

importantes neste processo.

O rompimento de uma visão inatista para uma perspectiva que considera o ser social e, portanto, em constante construção ao longo de sua vida, colaboraria para uma melhor compreensão do *bullying* e romperia com o olhar reducionista que culpabiliza o indivíduo por determinados comportamentos.

Um padrão mínimo de conduta e valores, pode ser observado na fala dos docentes, em diferentes momentos da pesquisa. Parece que o “ser civilizado”, portanto, seria o ideal de indivíduo para estes sujeitos.

O *bullying* caminha entre o civilizado e o patológico. É preciso cuidado, pois cada sociedade ou grupo social, estabelece o seu ideal de sujeito. Enquadrar o comportamento de uma criança e adolescente a partir do seu ideal e padrão civilizatório é reduzir o viver do outro a seu próprio mundo e assim, enquadrar esses indivíduos como *outsiders*. Em tempos de luta e discussão pela e para a inclusão, desconsiderar o contexto social dessas crianças e adolescentes, que se envolvem nas práticas de *bullying*, e, principalmente, desconsiderar esses sujeitos, como indivíduos em processo de formação, não contribuirá para a superação deste conflito, ao contrário, estaremos fadando este aluno ao fracasso.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, P. Para uma teoria da socialização. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXI, 2011. p. 121-139.

AQUINO, J. R. G. A desordem na relação professor- aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. B. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994. p. 39 -55.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ. C. S. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre gêneros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 1, p. 35-44, jan./fev. 2012.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-128, mar. 2010.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1994.

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus Editora, 2011.

FERREIRA, T. A. D. **Bullying na escola**: análise da percepção docente. 2018. 101 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LEVINSKY, D. L. **Uma gota de esperança**. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (org.). *A violência na sociedade contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 81, supl. 5, p. 164-172, 2005.

MARAFON, G. **Vida em judicialização**: efeito bullying como analisador. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2013.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

QUARESMA, L. Violência escolar e de gênero: vivências e representações sociais discentes. **Sociologia**, v. XX, p. 351-374, 2010. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8805.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

REIS, K. P. **Bullying**: a percepção dos praticantes. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino da Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

REGO, A. Indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. B. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994. p. 39-55.

VIGILANTE, A. Aldo capitini: abrir a educação. In: VIGILANTE, A.; VITTORIA, P. **Pedagogias da libertação**: estudos sobre Freire, boal, Capitini e Dolci. Rio de Janeiro: Quartet. Faperj, 2014. p. 141-223.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acadêmicos 23, 27, 94, 128, 132, 133, 134, 136, 137
Adultização 180, 181, 184, 186
Agricultura familiar 67, 68, 69, 71, 72, 73, 214, 215, 219, 225
Alfabetização 16, 38, 39, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 135
Aprendizagem significativa 54, 64, 66
Avaliação 25, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 51, 52, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 122, 133, 138, 147, 199

B

Bullying escolar 96, 97

C

Capitalismo 156, 157, 163, 175, 176, 180, 200
Ciclo de políticas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Coerção 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179
Comissão própria de avaliação 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95
Comunidade 15, 43, 47, 50, 54, 63, 76, 83, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 101, 105, 106, 111, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 149, 174, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 206, 207, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225
Comunidades quilombolas 187
Congos 187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196
Contexto socioeconômico 180, 185, 186
Contrapoderes 75
Coordenador pedagógico 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116
Corrupção 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63

D

Direitos humanos 75, 85, 86

E

Educação do campo 67, 70, 72, 73
Ensino superior 22, 23, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 47, 88, 89, 90, 94, 95, 128, 129, 147, 150
Escolarização 52, 70, 72, 180, 182, 183

F

Formação continuada 11, 15, 47, 48, 51, 52, 53, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 132, 136
Formação de professores 27, 28, 32, 46, 47, 49, 51, 115, 121, 126, 127, 132

G

Geografia cultural 187

I

Indisciplina 97, 99, 100, 101, 102, 103, 113

Instrumentos avaliativos 89, 92, 93

Interdisciplinaridade 54, 66

Invenção da infância 180, 181, 182, 183, 184, 186

J

Jornal 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 77, 78, 79, 80, 85, 87, 103, 154

L

Letramento 46, 51, 52, 53

M

Método de pesquisa 1, 6, 224

N

Nobert elias 97

P

Perspectivas epistemológicas 165

Planejamento estratégico 88, 89, 90, 91, 92, 93, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 208, 209, 210, 212, 220

Políticas educacionais 1, 2, 3, 4, 5, 6, 36, 46, 53, 72

Professores 9, 10, 11, 13, 15, 16, 18, 19, 27, 28, 31, 32, 35, 41, 42, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 59, 96, 97, 98, 99, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 145, 147, 148, 187, 195, 217, 218, 219, 224, 225

Professor reflexivo 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127

Projeto de extensão 128, 136, 137

S

Socialização 52, 96, 97, 100, 101, 171, 172, 174, 220

T

Tecnologias educacionais 54

Trabalho 4, 5, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 32, 40, 41, 46, 47, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 88, 90, 92, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 156, 158, 167, 172, 175, 181, 185, 187, 189, 195, 199, 212, 213, 215, 216, 221, 224, 225

Trabalho docente 24, 49, 66, 104, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 124, 127

U

Universidade 1, 8, 9, 12, 15, 21, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 34, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 61, 67, 73, 74, 75, 87, 88, 90, 95, 96, 99, 102, 103, 104, 115, 117, 118, 128, 129, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 180, 181, 187, 195, 197, 207, 210, 213, 218, 227

V

Violência 18, 40, 58, 75, 76, 77, 80, 82, 83, 86, 87, 96, 97, 101, 102, 103, 135, 152, 160

 **Atena**
Editora

2 0 2 0